

# DEBATES E DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO, O QUE A MATEMÁTICA TEM A VER COM ISSO?<sup>1</sup>

**Thais Chen**

Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade de São Paulo - SP,  
thaischen@usp.br;

**Barbara Corominas Valério**

Doutora em Matemática, Docente do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo – SP, barbarav@ime.usp.br.

## RESUMO

As questões de gênero têm ganhado cada vez mais espaço na sociedade, e na escola não é diferente, professores e professoras têm se deparado em sala de aula cada vez mais com questões relacionadas ao assunto. Este trabalho é um recorte de um projeto em desenvolvimento, com aprovação no Comitê de Ética CAAE 51517421.0.0000.5391, e que integra os Consórcios Acadêmicos para a Excelência do Ensino de Graduação, da Universidade de São Paulo. O projeto tem a finalidade de discutir e problematizar a temática de gênero, de maneira transdisciplinar, em três cursos de licenciatura da universidade: Educação Física, Matemática e Pedagogia. Neste trabalho, apresentamos as ações desenvolvidas, ao longo do ano de 2021, com um grupo de licenciandos e licenciandas, matriculados em uma disciplina anual obrigatória do curso de Licenciatura em Matemática, com estágio curricular supervisionado obrigatório, e alguns dos resultados obtidos a partir das produções, individuais e coletivas, realizadas. Após às atividades desenvolvidas com o grupo, que culminaram na elaboração e aplicação de um plano de aula que envolvesse a temática de gênero, percebemos com as reflexões geradas que é fundamental, ainda durante a formação inicial, propiciar um trabalho sistematizado articulando questões de gênero e o ensino de matemática, pois apesar dos conhecimentos do grupo sobre o tema gênero, pouco sabiam como trabalhar com a temática na educação básica.

**Palavras-chave:** Gênero, Matemática, Formação inicial, Estágio curricular.

<sup>1</sup> Apresenta resultados parciais de um projeto que integra os Consórcios Acadêmicos para a Excelência do Ensino de Graduação (CAEG), fomentado pela Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo.

## INTRODUÇÃO

As questões de gênero vem ganhando espaço e visibilidade na nossa sociedade, e a cada ano novos estudos sobre a temática tem contribuído para revisitar e repensar esse conceito. No entanto, essa construção social, enxergada pelo viés teórico crítico, ainda é marcada pelo preconceito ou tem seu sentido deturpado pela falta de debates e discussões. Já nas escolas, é possível ver um reflexo dessa desinformação na própria formação de professores e professoras, pois essa temática muitas vezes não é contemplada durante a formação inicial, visibilizando assim lacunas no processo formativo inicial e continuado. O silenciamento da temática favorece ações e pensamentos que envolvem violências impostas a pessoas em função do seu gênero e que vem adoecendo cada vez mais a nossa sociedade. Trata-se de uma temática complexa que é atravessada por outros fatores como por exemplo, raça e cultura e cuja demanda de reflexão vem crescendo dentro das escolas.

O projeto “A questão de gênero na formação de professores para a Educação Básica: um olhar transdisciplinar”, que integra os Consórcios Acadêmicos para a Excelência do Ensino de Graduação (CAEG) da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, no qual esse trabalho está inserido, busca discutir e problematizar a temática de gênero, de forma pioneira e transdisciplinar, em três cursos de licenciatura da USP: Educação Física, Matemática e Pedagogia, além de difundir, produzir e divulgar produções acadêmicas sobre este assunto, trazendo a tona uma problemática que foi silenciada, tanto nos ambientes educacionais quanto sociais. A equipe responsável por esse projeto, que conta com três docentes da Universidade, uma bolsista do curso de pós-graduação e três bolsistas do curso de graduação, desenvolveu ao longo do ano de 2021, atividades remotas em quatro disciplinas obrigatórias, sendo duas para o curso de licenciatura em Educação Física, uma para o curso de licenciatura em Matemática e a outra para o curso de licenciatura em Pedagogia. Nas disciplinas foram propostas atividades cujo objetivo principal foi suscitar discussões e ações acerca da temática de gênero e sexualidade, com foco para o ambiente escolar, respeitando as especificidades de cada área e demandas coletivas e individuais de cada turma.

Neste trabalho, apresentamos um recorte da pesquisa desenvolvida, descrevendo e analisando parte das atividades realizadas em uma disciplina do curso de licenciatura em Matemática. Neste curso, o projeto foi desenvolvido em uma das turmas da disciplina de MAT1500 - Projetos de

Estágio, disciplina anual que prevê a realização de estágio curricular obrigatório, e que tinha 25 licenciandos e licenciandas matriculados.

Em 2009, começou a ser oferecida aos alunos do curso de Licenciatura em Matemática do IME-USP uma disciplina obrigatória anual na qual são cumpridas 100 horas de estágio supervisionado e, em conjunto, é oferecido um curso de extensão para os professores regentes de classe em escola parceira. As aulas do curso de graduação ocorrem junto das aulas do curso de extensão, e diversas atividades são desenvolvidas por grupos formados por alunos do curso de Licenciatura (estagiários) e professores da rede (seus supervisores na escola) sob a orientação de um docente do Departamento de Matemática e apoio de educadores vinculados ao Programa de Formação de Professores. A realização dessas atividades conjuntas promove uma articulação entre a teoria e a prática, além de contemplar uma forte interação com a formação continuada de professores, propiciando, assim, um diálogo maior entre o curso de Licenciatura em Matemática do IME-USP e a escola de educação básica. (VALÉRIO E VIEIRA, 2018, p.10)

Ainda segundo Valério e Vieira (2018), as reflexões proporcionadas aos licenciandos e licenciandas, no desenvolvimento das atividades da disciplina Projetos de Estágio, tem contribuído para uma formação inicial mais significativa, ou seja, uma formação onde teoria e prática caminham juntas. Dentro deste contexto, o ambiente proporcionado por esta disciplina, mostrou-se apropriado para que a temática de gênero fosse trabalhada no curso de licenciatura em Matemática.

Trabalhar tais questões dentro da Universidade, sobretudo em disciplinas da licenciatura, contribuem no processo de formação dos futuros professores e professoras, visto que estarão em contato com uma diversidade de alunos e alunas, com realidades diferentes, e que são tocados por essa temática cada vez mais cedo. Trazer essas discussões, em particular, no curso de licenciatura em matemática, rompe com os estereótipos de que esta disciplina não tem conexão com a realidade social, dando espaço para diálogos, consolidando conhecimentos e saberes na formação dos licenciandos e licenciandas de matemática, possibilitando assim ações de entendimento e construção social do sujeito a partir de uma perspectiva histórico-cultural.

Os licenciandos e licenciandas perceberam, ao longo da realização do projeto, que a temática de gênero está mais presente na sala de aula do que imaginavam, aparecendo principalmente de forma transversal e

podendo ser trabalhada através da análise de enunciados de problemas, em exercícios e atividades, bem como na própria postura dos professores e professoras frente aos alunos e alunas, por exemplo.

Após análise de todo material produzido ao longo das intervenções, ficou evidente a importância dessas discussões nos processos de formação inicial dos licenciandos e licenciandas, pois foi possível identificar algumas particularidades que envolvem as participações das minorias sociais, argumentos socialmente construídos para favorecer ou desfavorecer um indivíduo com base no sexo biológico, orientação sexual, entre outros, e como a falta desse tipo de discussão, dentro e fora de ambientes escolares, acaba por reforçar estereótipos e naturalizações que buscamos combater. Ao longo deste trabalho serão citados alguns trechos dos materiais produzidos pelos licenciandos e licenciandas, e para isso foram numerados de LIC01 a LIC25 e os grupos de trabalho foram numerados de G01 a G07. O questionário, respondidos de forma anônima em sua maioria, foram numerados de Q01 a Q16.

## METODOLOGIA

Devido ao isolamento social imposto pela pandemia do COVID-19, os encontros da disciplina Projetos de Estágio, ocorreram de forma síncrona através do Google Meet, plataforma de videoconferências. Quando comparados aos encontros presenciais realizados na disciplina em anos anteriores, a participação do grupo nas discussões e reflexões sobre os textos lidos e trabalhos realizados, mantiveram a qualidade ao longo dos encontros síncronos. Em relação às atividades de estágio, ainda foi necessário superar muitos desafios.

As atividades do projeto, aprovado pelo Comitê de Ética CAAE 51517421.0.0000.5391, iniciaram-se na turma a partir da aplicação de um questionário, elaborado pela equipe, composto de perguntas abertas e fechadas de forma a apurar as percepções e expectativas dos licenciandos e licenciandas sobre a temática de gênero, além de saber como se deu suas experiências (ou a falta delas) com a temática. Dos 25 licenciandos e licenciandas matriculados na disciplina, 16 responderam ao questionário inicial. O questionário, disponibilizado através de um Google Forms, teve a opção de salvar o e-mail desabilitado e na questão “Nome/Apelido”, quem estava respondendo ao questionário poderia usar um apelido, caso não se sentisse confortável em se identificar.

Com as duas primeiras seções do questionário, tentamos traçar um perfil do grupo. A primeira seção trazia informações sobre dados pessoais:

idade, que variou de 19 a 29 anos; qual a identidade de gênero auto-declarada; e qual a orientação sexual autodeclarada. Na segunda seção, sobre escolarização, foi questionado se o Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio foram cursados em escolas públicas da rede municipal, estadual ou na rede particular de ensino.

Na seção seguinte do questionário, buscamos saber como se deu as experiências (ou a falta delas) com a temática de gênero, durante a Educação Básica e Ensino Superior. No Ensino Básico, 12 das respostas obtidas relatam não terem tido contato com a temática, e os(as) que relataram que tiveram contato, 4, foram em aulas de sociologia, filosofia, ou que houveram discussões sobre gênero, mas não sobre sexualidade. No Ensino Superior, houve um crescimento no número de licenciandos e licenciandas que tiveram contato com a temática, das 16 respostas obtidas, 9 responderam que essas discussões aconteceram em aulas de disciplinas ministrada na Faculdade de Educação e durante rodas de conversas informais com amigos e amigas da universidade. É interessante notar que em nenhuma das 9 respostas obtidas foram mencionadas disciplinas específicas da licenciatura em matemática, ministradas no Instituto de Matemática e Estatística (IME). Em relação às discussões no IME tivemos apenas o relato “...há discussões promovidas no Instituto.” (Q06).

Identificado se a turma vivenciou ou não discussões sobre a temática durante a Educação Básica e o Ensino Superior, foi questionado se: “Você considera que a temática de gênero e/ou sexualidade fazem parte do escopo de atuação de um professor da sua área de formação?”. Nesta questão as opções de resposta eram “sim” ou “não”. Das 16 respostas, houveram 14 sim e 2 não. Dependendo da resposta dada, os licenciandos eram direcionados a uma questão diferente.

Os que marcaram sim na questão foram convidados a responder: “Comente como a temática poderia ser abordada na sua disciplina na Educação Básica.” As respostas obtidas refletem uma relação de respeito e igualdade para com todos e todas, e podem ser separadas em três grupos:

- a) Respostas dentro da disciplina, por meio da estatística, vídeos e debates. (11 respostas)
- b) Respostas fora da disciplina. Apesar de marcarem sim, nos comentários aparecem justificativas sem menções a matemática ou aparecem outras disciplinas como orientação e educação emocional. (2 respostas)
- c) Apesar de responder sim, não soube exemplificar como o tema poderia ser abordado (1 resposta)

Os que assinalaram não na questão foram convidados a responder: “Em quais disciplinas considera que essa temática deveria ser abordada.”. As disciplinas listadas foram: sociologia, história, biologia, redação. As justificativas dadas nesta questão foram:

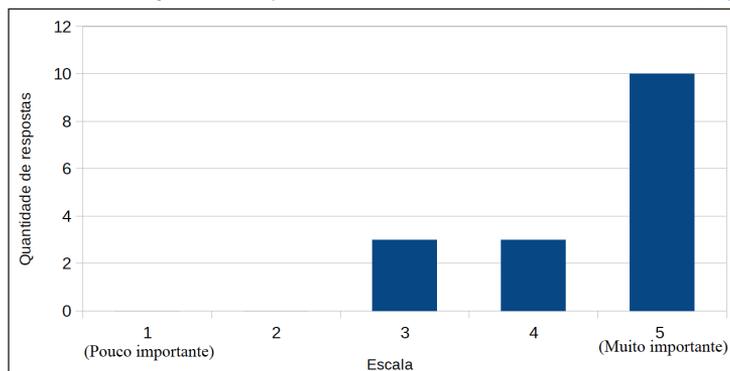
Em Sociologia, pois é um tema muito social e que deve ser visto dessa forma, como na formação de um indivíduo em sociedade; em redação, para auxiliar os alunos a saberem discutir o tema e defender seus pontos de vista (saber argumentar); em biologia, apenas para comparar indicando que gênero não tem a ver com o sexo biológico, ie, mostrar suas distinções. (Q06)

e

Acredito que caso surja o assunto dentro da sala de aula trago pelos alunos, qualquer professor de qualquer disciplina tem que ter conhecimento básico para comentar o assunto. Mas acho, que este assunto deveria ser levado para a sala de aula apenas pelos professores das disciplinas citadas anteriormente, pois o conteúdo de suas matérias tem relação com o assunto tratado. (Q07)

Na seguinte seção os licenciandos e licenciandas tinham que responder e justificar, numa escala de 1 a 5, onde o número 1 indicava “pouco importante” e 5 indicava “muito importante”, as seguintes questões: i) qual a importância das discussões sobre diversidade de gênero e sexual na formação de professores?; ii) qual a relevância da discussão de gênero para a sua formação profissional? No gráfico a seguir apresentamos a distribuição das respostas da questão (i):

Gráfico 1 – Distribuição de respostas dos licenciandos e licenciandas, questão i)



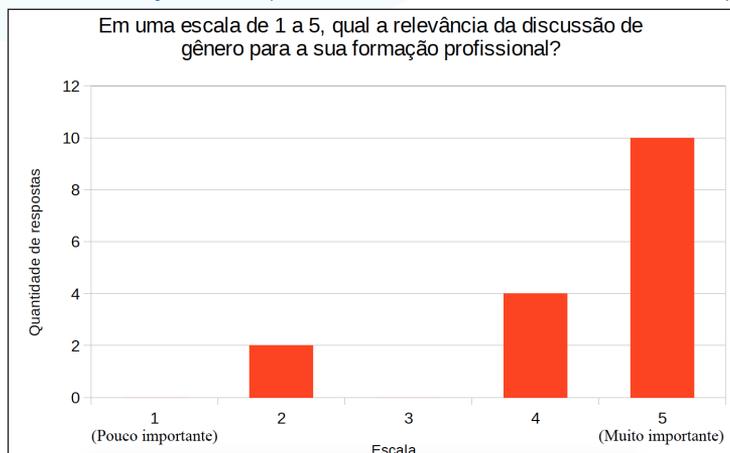
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os licenciandos e licenciandas que marcaram 5, justificam a sua resposta dando destaque à complexidade e unicidade das pessoas, citando a diversidade da sociedade e das realidades dos alunos e alunas, bem como a necessidade desse conhecimento por parte dos professores e professoras, a fim de “diminuir o preconceito e aumentar o respeito entre professores e alunos”(Q09).

Os(as) que responderam 4, justificam que o tema é relevante, mas que existem temas mais relevantes, e que a responsabilidade de se abordar o tema não deve só se restringir aos docentes e sim a sociedade como um todo. Já a justificativa dos(das) que responderam 3, de modo geral, convergem para que não é o principal papel do professor, mas sim que é papel da sociedade como um todo, da família e amigos, abordar e de discutir essas questões de diversidade de gênero e sexual, e que “...até mesmo as próprias pessoas deveriam ir atrás, principalmente nesta “sociedade digital”.” (Q16)

No gráfico a seguir apresentamos a distribuição das respostas da questão (ii):

Gráfico 2 – Distribuição de respostas dos licenciandos e licenciandas, questão ii)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A justificativa dos licenciandos e licenciandas que marcaram 5, assemelham-se às justificativas dadas na questão anterior aos que também marcaram 5.

As justificativas apresentadas pelos(as) que marcaram 4, podem ser separadas em dois grupos, os(as) que destacam a existência de temas mais relevantes ou que a temática de gênero não precisa ser discutida tão a

fundo, e os(as) que apresentaram uma falta de domínio para com o tema, e que essas discussões se fazem cada vez mais importantes, mas que não só para a formação dos professores mas para a “formação como ser humano”. A justificativa dada por quem marcou 2, não difere muito das justificativas anteriores, uma apresentou que é importante saber como abordar o tema no ensino básico e a outra que não é o papel principal do professor, apesar de estar entrelaçado com sua profissão.

Continuo com a mesma justificativa da questão anterior, não acho que deveria caber aos profs, mas à sociedade de maneira geral. É óbvio que a escola faz parte dessa sociedade, mas acho que deveria ser algo feito à parte, talvez, definitivamente não em uma aula de matemática, como é o meu caso. Acho que há momentos e momentos. (Q06)

Na última seção do questionário os alunos foram convidados a responderem sobre suas expectativas com o projeto e o que esperam aprender e como isso poderia mudá-los. Durante a análise das respostas obtidas, verificou-se um grande interesse no debate a respeito da temática em aula, bem como a insegurança e falta de domínio dos licenciandos e licenciandas em trabalhar com esse assunto na educação básica. Quanto

às expectativas ao projeto, de modo geral houveram muitos comentários positivos, em relação a importância da temática e o aprendizado de termos e conceitos, além de estratégias para abordar o tema no ambiente escolar, de modo a torná-lo mais respeitoso, acolhedor, inclusivo para todos e todas.

Os momentos iniciais do projeto, na disciplina de MAT1500, foram conduzidos pela docente da mesma. Em um encontro síncrono, foi proposto que os alunos escrevessem três palavras sobre gênero utilizando o Mentimeter, que é uma plataforma online para criação e compartilhamento de apresentações com interatividade. As respostas dos licenciandos e licenciandas foram compartilhadas em uma nuvem de palavras e uma discussão foi realizada para propiciar uma introdução na temática. A nuvem formada pode ser vista na figura a seguir



A segunda intervenção teve um caráter mais conceitual, onde utilizamos principalmente o referencial de Joan Scott (1989), em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, Rachel Soihet e Joana Maria Pedro, em “A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero” e “Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola”, livro de Beatriz Accioly Lins, Bernardo Machado e Michele Escoura. Realizamos a conceituação de termos como gênero, orientação sexual, sexo biológico, visando esclarecer e diferenciar os termos que muitas vezes são usados de forma equivocada ou geram dúvidas quanto aos seus significados. Para conceituar os termos utilizamos diferentes fontes, como dicionários de língua portuguesa, dicionários jurídicos, Organização Mundial da Saúde e os termos citados ou formulados pela própria Joan Scott. Trouxemos um breve histórico da discussão sobre gênero e sua ligação com a história das mulheres, debates sobre a apropriação de datas e do termo e da luta LGBTQIA+ e de igualdade de gênero por parte das empresas, por meio de campanhas publicitárias e charges. Trabalhamos questões como: o que é a “ideologia” de gênero e discursos anti-gênero?; o discurso de ódio presente dentro e fora das redes sociais; a influência destes discursos e a dificuldade de lidar com a pauta de gênero no ambiente escolar.

Após estas intervenções, foi solicitado aos licenciandos e licenciandas que enviassem relatos de experiências que envolvessem situações de gênero e/ou sexualidade na escola. Esta atividade culminou numa intervenção onde trabalhamos a sensibilização e meios de ação para duas temáticas contempladas nos relatos: o assédio e estereótipo das mulheres na matemática.

A atividade final proposta para a turma foi a elaboração de um plano de aula que envolvesse a temática de gênero e sexualidade como conteúdo de aula ou conteúdo transversal ao plano elaborado. Esta atividade surgiu como uma demanda natural dos próprios licenciandos e licenciandas que expressavam o desejo de aprender como abordar a temática em sala de aula e como inserir essas discussões dentro da disciplina de matemática. Os planos produzidos foram compartilhados durante um encontro síncrono, e os licenciandos e licenciandas deveriam trazer um recorte do processo de construção, pontuando as estratégias, justificativas das escolhas e dificuldades encontradas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As definições de gênero elaboradas pela turma caminharam para o gênero sendo uma construção social, que varia conforme o tempo e cultura, e que institui as relações de homens e mulheres, ou seja, não há uma única definição, “Aqueles pessoas que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as idéias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história.” (SCOTT, 1995, p. 71). A ideia atribuída ao gênero foi fundamentada principalmente nas diferenças biológicas entre os sexos, que somadas de acordo com nossa idade, classe, etnia, cultura, dentre outros fatores, nos moldam para diversos ambientes sociais e a construção desses papéis é esperada, incentivada, naturalizada.

As discussões posteriores foram marcadas por relatos de dificuldades que envolvem a prática docente, divergências entre escolas e pais, e como cada vez mais os profissionais da educação vem perdendo a liberdade de cátedra nos seus ambientes de trabalho, e como a construção social atual dos papéis das mulheres e dos homens, junto com as relações econômicas e culturais vem contribuindo para aumentar esse abismo de preconceito, injustiça e violência “justificada” que as pessoas que não se encaixam nos padrões sofrem. Thomas C. Laqueur, em seu livro *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud (2001)*, compartilha ideias que nos ajudam a compreender a passagem do modelo do sexo único para o modelo dos dois sexos, com base em evidências históricas, e como essas mudanças nos levam a considerar o sexo biológico, como uma construção social.

“...desejo mostrar, com base em evidência histórica, que quase tudo que se queira dizer sobre sexo - de qualquer forma que o sexo seja compreendido - já contém em si uma reivindicação sobre o gênero. O sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder.” (LAQUEUR, 2001, p.23)

O sexo, sob essa nova perspectiva, rompe com a “concretude” atribuída as características biológicas que “definem” os papéis sociais de homens e mulheres e que somadas à demais características vem para tornar mais forte essa diferenciação. Dentro das categorias “homens” e “mulheres” já existe uma diferenciação, não há um padrão fixo, seja pela altura, peso, níveis de hormônios, comum a todos os homens dentro da categoria

e o mesmo vale para as mulheres dentro da categoria “mulheres”. Esse interesse na busca da diferenciação concreta entre homens e mulheres se deu principalmente por conta da política e da necessidade de atribuir papéis com base nessas diferenças, estabelecendo uma dominação “justificada”, que passou a ser naturalizada e aceita até os dias de hoje.

É possível ver reflexos dessas justificativas dentro dos casos que os licenciandos e licenciandas compartilharam durante uma das produções pedidas que culminaram em uma atividade de intervenção. Os casos foram basicamente de dois tipos: casos na matemática e casos transversais. Na matemática, de modo geral, se centraram em estereótipos de gênero, da menina/mulher dominada e “ruim” em matemática, por não ser seu espaço, visto que há uma maioria masculina na área de exatas. Os casos transversais variaram desde xingamentos e palavras ofensivas feitas por professores, alunos e alunas até assédios, esse último tema esteve presente no relato de vários licenciandos e licenciandas, em todas as turmas acompanhadas pelo projeto.

Na intervenção, buscamos estimular os licenciandos e licenciandas, os colocando no papel de professor ou professora dentro de uma situação fictícia baseada nos dois temas mais recorrentes dos casos compartilhados, que foram: assédio; e o estereótipo da mulher “ruim” na matemática. Os alunos e alunas sugeriram ações de intervenções que foram compartilhadas de forma anônima, onde debatemos quais são as possíveis intervenções que poderiam ser feitas diante dessas situações e a quem recorrer e como. Não há um método que seja capaz de resolver todas as situações e ter garantia de sucesso, por isso é muito importante existir espaços de discussões e fala, na Universidade e nas escolas, a fim de tornar o ambiente acolhedor e inclusivo, garantindo condições para saber como proceder da melhor forma possível, frente a essas situações, ouvindo e sendo ouvido, seja a pessoa professor, professora, aluno ou aluna, e garantindo um ambiente harmonioso e de respeito mútuo.

Após a elaboração dos planos de aula, cada licenciando e licencianda respondeu individualmente a duas questões: Como foi, para você, pensar na elaboração deste plano? e Que reflexões esta atividade trouxe? Com estas questões queríamos propiciar um momento de reflexão sobre todo o processo de discussão e produção realizado até aquele momento.

Em dez das dezesseis devolutivas individuais que tivemos da primeira questão, os licenciandos e licenciandas usaram as palavras medo, complicada, difícil, receio e “não foi uma tarefa simples para mim”. Estas palavras expressam desde preocupação em abordar o tema na sala de aula, pois

querem evitar “desconforto e polêmica com as famílias” além do tema estar atualmente “politizado” até em como olhar para o papel do professor de matemática de uma forma diferente, pois “como normalmente pensamos a disciplina (matemática) como exata, muitas vezes é fácil que desconsideremos os fatores humanos/sociais, ainda mais quando muitas coisas estão engendradas na sociedade” (LIC03) refletindo a visão que a discussão de alguns temas não devem ser de responsabilidade dos professores de matemática.

Os sete planos de aula desenvolvidos, trouxeram de forma mais explícita ou sutil, a temática de gênero e cinco deles conseguiram trabalhar os conceitos matemáticos que estavam sendo desenvolvidos nas turmas onde foram aplicados sem alterar a programação da professora ou professor da turma. A proposta dos planos podem ser divididos em três grupos: os que focaram em propor atividades onde os enunciados das mesmas tentavam questionar estereótipos presentes nos materiais didáticos, ou seja, problemas onde a mulher aparece fazendo compras na feira, o homem sendo o executivo da empresa, o menino andando de skate, dentre outros; os que envolveram problemas de análise de gráficos e cálculo de porcentagens onde a temática versava sobre a questão de diferenças salariais entre mulheres e homens, questões do número de mulheres em algumas áreas do conhecimento e até mesmo dados sobre a violência homofóbica; e os que focaram no papel das mulheres na história das ciências. A elaboração de cada um destes planos gerou reflexões diferentes nos grupos, que puderam ser compartilhadas durante a apresentação dos mesmos e também expressas na redação da segunda questão proposta.

Os licenciandos e licenciandas que desenvolveram planos que focaram em enunciados, perceberam como o material didático muitas vezes reforça estereótipos

“Nunca tinha parado para pensar que até nos exercícios de matemática trazemos questões presas ao passado, isto era algo que passava despercebido por mim. Mas através dos questionamentos vistos em aula, percebi que é algo que está em todo lugar. Através disso, consegui mudar o meu pensamento e procuro reelaborar as questões de modo que atenda à todes. Abriu os meus olhos para coisas que eu via como “detalhes”.”(LIC10)

É interessante chamar atenção, na citação anterior, para a palavra “detalhes”, pois representa muito bem, como naturalizamos vários estereótipos, “Ao realizar essa distinção de papéis e separação das atribuições de

meninas e dos meninos, acaba-se dando uma espécie de consentimento às práticas discriminatórias” (G01). Os licenciandos e licenciandas, passam a perceber também que o ensino da matemática pode exercer um papel social muito importante através dos enunciados dos problemas propostos

“Um exercício sobre uma mãe fazendo compras no supermercado é meramente visto como um exercício de cálculo, mas poderia ser utilizado para questionar os papéis tradicionais e gênero impostos na sociedade e também trazer reflexões políticas como inflação de um país, poder de compra da população “média”, local onde a escola e aquele micronúcleo social onde a escola fica está inserido (como por exemplo, se a questão é válida para tal contexto), entre outras prováveis discussões que poderiam surgir, mas que normalmente são ignoradas, uma vez que a matemática é vista como uma disciplina puramente utilitarista e de cálculos.” (LIC03)

Os grupos que trabalharam com análise de gráficos e cálculo de porcentagens, propuseram atividades que partiam de informações reais (retiradas de jornais) e fictícias (criadas pelo grupo) e que ao propor a análise dos dados, propiciaram momentos de reflexão com os alunos e alunas da escola. Perceberam que a análise de dados, é uma forma de trabalhar em sala de aula, temas importantes para a formação dos estudantes

“A ideia desta proposta é mostrar que é possível abordar esse tipo de temática em aulas de disciplinas mais “tradicionais”, a partir de uma certa correlação com algum tema mais comum a ela. Apesar de este plano de aula não estar inserido em nenhum projeto da escola, ele poderia funcionar como um disparador para a inserção deste tipo de ação dentro dela. Dessa forma, pode-se abordar com os alunos diversas temáticas mais sociais e que têm a ver com sua postura como cidadãos, ao mesmo tempo em que se mantém o estudo de assuntos mais “tradicionais” e também necessários, construindo alunos-cidadãos mais conscientes e responsáveis”. (LIC12)

Os grupos que abordaram o papel das mulheres na história da ciência, trazem reflexões sobre a questão da representatividade, pois muitas mulheres tiveram papéis de destaque na história, mas seus nomes não são citados. Em um dos trabalhos, a temática de gênero e racismo foram discutidas juntas, e o debate proporcionado pelo grupo foi muito interessante, podemos ler em um dos relatos:

“A principal reflexão trazida no desenvolvimento dessa atividade é do quanto é necessário trazer conscientização social aos jovens e adolescentes o quanto antes em sua formação, para que haja a possibilidade das gerações futuras não sofrerem/reproduzirem os mesmos erros do passado. Considerando que, mesmo falando do período de 1947 a 1989, ainda é possível relacionar trechos do filme a situações ocorridas em 2021” (LIC20)

fazendo menção ao filme *Estrelas Além do Tempo*, utilizado no plano de aula proposto.

A elaboração e aplicação dos planos desenvolvidos e a socialização das reflexões durante todo o projeto mostrou-se uma intervenção fundamental. Todos os envolvidos no projeto aprenderam muito com as discussões, na avaliação final da disciplina, quando os licenciandos e licenciados foram questionados sobre qual atividade realizada durante o ano eles mais tinham gostado obtivemos como relato que “As atividades do CAEG foram muito valiosas, por trazerem temas que merecem tanta atenção em nossa formação como profissionais e indivíduos”, reforçando nossa percepção da importância da discussão do tema ainda durante a formação inicial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo a escola como um espaço social e democrático no qual um dos seus papéis é contribuir na construção moral e ética dos estudantes, desconstruindo e desnaturalizando estruturas hegemônicas que naturalizam e incentivam as desigualdades, é fundamental que seus professores e professoras estejam preparados para lidar com a diversidade de valores, crenças, costumes e expectativas de seus alunos e alunas.

Em uma perspectiva de uma matemática crítica e inclusiva, ficou evidente com o desenvolvimentos das atividades do projeto, que trabalhar a temática de gênero é uma das formas de promover esta reflexão entre os futuros professores e professoras. Um licenciando declara após a realização das atividades

“Como professores não podemos ser omissos, não podemos ignorar a verdade e, por mais que nosso plano de aula se limite apenas a ponta do enorme iceberg que é a questão de gênero, elaborá-lo e imaginá-lo sendo posto em prática de certa forma me trouxe uma ponta de esperança, me fez acreditar nas próximas gerações”. (LIC07)

Discutir e trabalhar a temática de gênero na educação básica é não permitir seu silenciamento, seja ele escolar ou social, quebrando estereótipos presentes até os dias de hoje. Esse projeto além de contribuir na formação profissional de licenciandos e licenciandas, enriquece nosso próprio processo de formação como cidadãos e cidadãs críticas, como seres humanos. Esperamos que esse trabalho possibilite e incentive novas pesquisas e projetos com essa temática, dentro e fora de ambientes escolares, em quaisquer áreas de conhecimento, construindo experiências de aprendizagens contextualizadas às realidades, construindo de uma sociedade mais acolhedora, empática, de liberdade, respeito à diversidade e inclusiva a todos e todas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à PRG-USP pelo apoio financeiro recebido por meio de uma bolsa vinculada ao programa CAEG, Edital PRG 01/2020-2021.

Agradecemos também às bolsistas Anita Franco Vilaradaga, Isabella Ortiz Maffezoli e Rafaela Vilela Teixeira, e ao professor Sérgio Roberto Silveira e a professora Karina Soledad Maldonado Molina, por participarem e estarem ao nosso lado no desenvolvimento do projeto ao longo do ano de 2021.

## REFERÊNCIAS

LAQUEUR, Thomas Walter. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 313 p.

LINS, B. A.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M.. Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016. 142p.

SCOTT, Joan. (1995) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Vol.20(2),.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. (2007). A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. Revista Brasileira de História [online]., v. 27, n. 54, pp. 281-300.

VALÉRIO, B. C.; VIEIRA, D. M. Projetos de Estágio: uma articulação entre formação inicial e continuada de professores. In: DAVIS, C. (Gisela Lobo Tartuce;

ISBN 978-65-86901-58-0



VIII ENALIC

EDIÇÃO DIGITAL

VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS

VII SEMINÁRIO DO PIBID

II SEMINÁRIO DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Patrícia Albieri Almeida). (Org.). Prêmio Rubens Murillo Marques 2018: Experiências docentes em licenciaturas. Fundação Carlos Chagas, 2018, v. 55, p. 09-39.